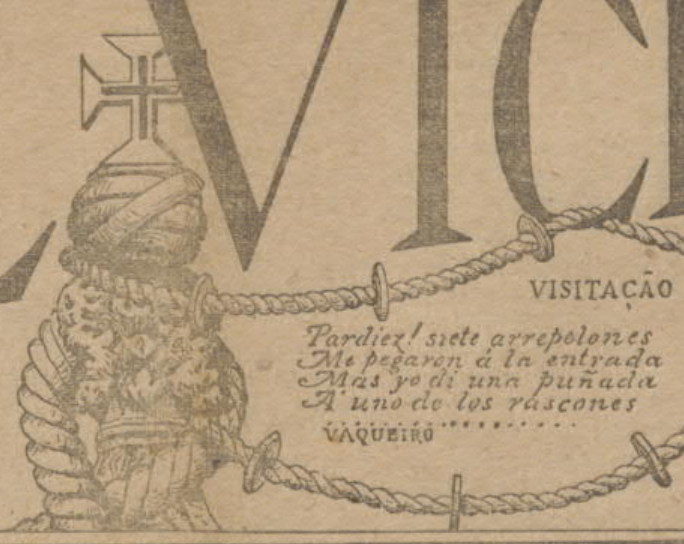




# GIL VICENTE

Semanario Monarchico e Regionalista  
(Litterario e Noticioso)  
Propriedade da Imprensa "Gil Vicente".  
Redacção e Administração:  
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



Par diez! siete arrepolones  
Me pegaran a la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascos  
VAQUEIRO

Director e Editor: **D. Ribeiro.**  
Administrador: **J. M. Fernandes.**  
Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesa  
Rua de Santo Antonio, 133 e 135

## 5 de Dezembro

Faz hoje precisamente tres anos que em Lisboa, chefiado por essa figura honrada de militar e de patriota que foi Sidonio Paes, rebentou o movimento nacional que devia dar uma machadada profunda no predominio da demagogia.

O paiz atravessava uma crise grave, que comtudo não era parçada, nem de leve, com a de hoje; não havia lei, não havia Constituição, havia só o arbitrio dum partido, e o despotismo duma creatura nefasta, que agora se pavoneia em Paris, á custa do thesouro exaustivo; sufocava-se; o ambiente era irrespiravel; os politicos tripudiavam sobre a consciencia nacional, e os sagrados interesses da Patria eram postos de lado, para serem preteridos pelos appetites devoradores das clientelas esfaimadas, ou pelos politican-tes sem escrúpolos.

Foi desta atmosfera pesada, que nasceu o movimento de 5 de Dezembro.

A alma nacional, até ali adormecida, ergueu-se altiva e formidável, numa arrancada épica, e vergastou sem piedade os vendilhões sinistros da Patria envilecida, subjugada pelo dominio duma tirania sem grandeza.

Já lá vão tres anos... E neste pequeno periodo de tempo, quantos acontecimentos, quantas tragédias, quanto luto, quantas lagrimas pelo paiz alem...

É justo, pois, que ao passar o terceiro anniversario desta data, olhando com amargura o espectáculo miserando duma Patria a afundar-se em lama e em descredito, recordemos a figura heroica desse portuguez honrado que foi Sidonio Paes.

Somos monarchicos, irreductivelmente monarchicos. Sidonio Paes era republicano, intransigentemente republicano.

Apesar disso, é nosso dever lembra-lo neste dia, porque elle foi a encarnação da vontade nacional, foi o simbolo duma aspiração honesta, e quiz numa tentativa patriotica e bem intencionada fazer do Portugal espinhado por um bando de energumenos e de sicarios, um verdadeiro paiz livre, com a consciencia da sua missão historica, e com a compreensão nitida e perfeita do seu destino!

Que este dia comemorativo dum gesto nobilissimo de resurreição que ha de ficar na Historia, como um belo e generoso movimento de resgate nacional, seja para nós um dia de meditação e de recolhimento.

Sós a sós conosco, perguntemos á nossa razão, á nossa intelligencia, e sobretudo ao amor que temos pela Patria, se isto pode continuar, e se não será de todo necessario correr novamente com os miseraveis vendilhões que estão a enlamear e a perder Portugal.

Sobretudo não percamos tempo... A Patria está em perigo. Que todos se compenhem dos seus deveres e das suas responsabilidades. Que todos se deixem

de cobardias e de indiferentismos, que nesta hora suprema de angustia, e que ha de ser ou de vida ou de morte, são verdadeiramente criminosos.

Lembremo-nos de que temos a salvar uma Historia...

Lembremo-nos de que temos a redimir uma Patria...

Lembremo-nos, principalmente, de que somos a Geração do Sacrifício!...

## REPAROS...

### Um regedor que está a pedir um penduricalho...

Como a nossa democracia reinadia tem distribuido com mão larga, por esse paiz alem, um turbilhão de *penduricalhos*, lembramos hoje aqui um cidadão que merecia também ser agraciado.

Referimo-nos ao regedor de S. Martinho de Sande que á frente do povo da freguesia assaltou uma propriedade levando todo o milho que quiz. Ainda mais: Sua Ex.<sup>a</sup> regedorial foi o proprio que instigou o povo ao saque.

Ora actos heroicos e nobilitantes d'este jaez, são dignos de comenda.

Eis porque o recomendamos aos seus superiores hierarchicos, como digno de figurar entre as *grandes figuras immortaes*, d'este regabofe politico!

### AO "Primeiro de Janeiro,"

Não podemos deixar passar sem o nosso mais veemente protesto a forma pouco correcta e atenciosa como o nosso colega do Porto se referiu aos vencidos politicos d'esta cidade e que, ha dias, foram condenados, á revelia, no T. M. E.

O «Primeiro de Janeiro» epigrafava a noticia da sentença chamando-lhe — «O bando monarchico de Guimarães».

Ora entre os condenados havia muitos de categoria social e, entre elles, o Comandante Militar da cidade, administrador do concelho e vereadores da Camara nomeada pela Junta Governativa do Reino e aos quaes, certamente, o «Janeiro» louvaminhou enquanto estiveram de cima. Folheie o «Janeiro» a sua colecção de 1919 e veja o regosijo que ia nas suas columnas quando dos 25 dias de Monarquia. Lembremos-lhe que sempre é bom não abusar da situação... Para o bando monarchico os nossos cumprimentos.

### Um discurso

Não ha coisa sem senão... Por exemplo: a recita do 1.º de Dezembro promovida pela academia.

Correu tudo muito bem, as peças estavam muito bem ensaiadas, os diversos personagens desempenharam lindamente os seus papéis, mas... (cá está o terrivel senão!)

Mas... o discurso de apresentação foi um verdadeiro desastre! Que diabo! é necessario que haja um pouquinho de brio. E

este mandava que o academico apresentasse e não estava senhor do seu papel, lêse o discurso!

Até mesmo depois de ter visto que não saia coisa de geito e que se resolveu a lançar mão da papelada, até mesmo assim, foi infeliz, porque a propria leitura não saiu correntia e clara...

E a juntar a tudo isto, ainda por cima, uma falta absoluta de gesto, de vida, de entusiasmo, demais tratando-se da comemoração dum acto patriotico.

Como nos custa ter de falar assim!

## Liceu G. de Martins Sarmento

Como ao nosso conhecimento chegassem afirmações de que melhoramentos de reconhecida utilidade se estavam realisando no nosso liceu, procuramos saber o que de verdade havia sobre este assunto e para isso nos dirigimos a um dos distintos professores desse estabelecimento de ensino, que muito amavelmente se prontificou a dar-nos os esclarecimentos que buscavamos e que gostosamente transmitimos aos nossos leitores, certos como estamos de que, fazendo-o, prestamos um bom serviço a todos os vimaraneses amigos da sua terra e seus progressos.

No nosso liceu, principia o illustre professor a quem nos dirigimos, se ha muito se sentia a falta de material escolar que, insufficiente já para o ensino das cinco primeiras classes, de modo algum podia satisfazer ás condições pedagogicas indispensaveis a uma boa preparação dos alunos dos cursos complementares. Abandonado a si proprio, sem recursos, apertado entre a E. Industrial e o Internato, com uma população sempre crescente, o liceu não dispunha, como ainda não dispõe, do numero de salas necessarias para o funcionamento das aulas, nem podia atingir os fins a que se destinava, tendo em vista o exigido pelos modernos regulamentos e processos de ensino. Conra isto, pouco ou nada podia a boa vontade, zelo e competencia do seu pessoal docente. Tudo nos faltava, menos a indiferença daqueles que tinham o dever de auxiliar-nos. Não desalentamos, porém, e um dia, mercê de circunstâncias varias, uma pequena dotação é concedida ao liceu pelo Estado. Podiamos, enfim, sair do campo dos planos e projectos para o das realisações. Foi o que fizemos; é o que estamos a fazer.

Com essa pequena dotação — uma insignificância, se a compararmos ás dotações feitas a outros liceus do pais — temos comprado vario material escolar e desta maneira vamos melhorando o estado do nosso liceu, dotando o com laboratorios e gabinetes, concorrendo assim para que seja posto a par dos estabelecimentos congéneres. Adquirimos já algum material de fisica e quimica e dentro em pouco teremos um regular gabinete de Sciencias Naturaes, prova cabal de que o liceu progride e de que o não enganaram aqueles

que lhe disseram que alguma coisa de útil se tornava. E agora que a sua curiosidade está satisfeita, permita-me que me refira ainda a uma série de factos que, pela sua nobreza e isenção, bem merecem referencia na imprensa.

Como já lhe disse ou dei a entender, sempre os meus colegas no liceu puseram ao serviço deste toda a sua dedicação, intelligencia e préstimo; deles nem um só e em momento algum se recusou a dar-lhe todo o seu apoio moral e até material, para acudir ás necessidades mais urgentes. Nenhum se poupou a esforços e sacrificios, desde que do sacrificio adviessem vantagens para o seu liceu. E é assim, cedendo a estes sentimentos nunca desmedidos, que entre eles surgiu a ideia da formação duma biblioteca, imprescindivel em estabelecimentos desta natureza. Para isso todos ofereceram o que podiam; mas, como se consiga pouco, alguém alvitou o recurso ao auxilio particular, o que se faz.

Os resultados foram magnificos; graças a esta deliberação o liceu tem hoje uma biblioteca com cerca de 500 volumes. Ao nosso ape- lo varias individualidades acodem e em todas elas notamos — não se esqueça disto — sincero desejo de contribuir para o bom nome do liceu e um desinteresse só proprio de espiritos altruistas. Não contavamos com tanto, pode crer, embora muito esperassemos. Entre aqueles que mais prontos foram em auxiliar-nos, lembro-me do nome dos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Raul Brandão, José Jacinto Junior, Dr. Alvaro Bastos, Padre José Maria da Silva, Padre José Carlos Simões de Almeida, Padre Gaspar Nunes, Jeronimo Sampaio, etc. Sei ainda que outros se preparam, como o Dr. Leopoldo Martins de Freitas, para melhorar as condições do primeiro estabelecimento de ensino desta terra e já me chegou aos ouvidos a boa nova de que os «velhos» estudantes, que este ano querem tomar parte activa na realisação das Nicolinas, tencionam levar a efeito um sarau, cujo produto revertirá a favor dos gabinetes e laboratorios do liceu.

Se assim é, motivos ha para que rejubilemos. Nada mais posso dizer-lhe a não ser que deve pôr isto no seu jornal. Diga também que o liceu saberá ser grato áquelles que, fugindo ao indifferentismo vulgar, á apatia condenavel do nosso meio, vieram em seu auxilio, num gesto nobilitante e desinteressado, tornando-se por isso credores dos nossos mais sinceros louvores e alta estima.

## CONSUMATUM EST

### Ainda o famoso edital

Se o snr. Lopes com o seu famoso edital tinha em vista um bocado á repaziada amiga e do partido á custa do tanso do lavrador, pode dar-se por satisfeito e ter gosto em si, e pode também limpar as mãos á parede depois da linda obra que fez. Os assaltos deram-se a mercearias e celeiros — é sa-

bido que sua mercê não é agricultor nem negociante de seccos e molhados — e, por isso, a este gesto do povo não pode o snr. Lopes deixar de chamar um justo protesto e um acto de legitima reivindicacão; mas, enchendo o povo o papo por uma maneira tão simples e tão economica, ao fazer a digestão não será levado a pensar que mais alguma coisa precisa e que não encontra no mercado senão a pezo de dinheiro? não pensará, ao contemplar os seus pés descalços ou calçados em rijos tamancaos ou miserias palhetas, que um par de botas de *kalf* ou de verniz como aquelas com que o burguez o deslumbra e enraivece, seria adorno condigno da sua soberania, e pensando assim não poderá ter a pessima ideia de dar uma volta pela rua de Gil Vicente e entrar n'um deposito de calçado que lá existe com a sem cerimonia com que entrou nos celeiros e nas mercearias e abastecer-se pelo mesmo processo?

E se assim fizer, considerando que se é crime o lavrador conservar os productos da sua cultura para os vender quando lhe convier, muito maior o é andar um sujeito a açambarcar os productos da industria alheia para — intermediario abusivo — cobrar em seu proveito uma forte percentagem á custa da necessidade publica. O que dirá a isto o snr. Lopes? Nesse dia o snr. Lopes que não é sapateiro mas negocia em calçado, é capaz de dar ao diabo a ideia que teve, e nem com todos os editaes com que *haja por bem* brindar-nos seria capaz de acalmar a agitação popular que, desde que contenda com os seus interesses, é até capaz de capitular de roubo.

O snr. Lopes viu mal, e viu mal porque olhou só para os outros e não olhou para si; viu as barbas do visinho a arder e, porque traz as suas rapadas, entendeu não precisar de as deitar de molho. Não foi talvez por mal que o snr. Lopes publicou o seu famoso edital; foi talvez, muito provavelmente, por uma questão d'arte, que assim fez. S. Mercê pensou que poderia produzir uma pagina immorredoura de litteratura official e não viu senão o assumpto para um edital d'arromba.

Manda a verdade confessar que attingiu amplamente o seu fim; sob o ponto de vista litterario, s. mercê conquistou um logar na academia... cá do Lyceu; mas encarando as coisas pelo lado pratico, também confessamos com igual franqueza, que alguma coisa deixou a desejar.

E não somos só nós, que sabemos *ler por cima* e escrever sem pauta, mas também o proprio povo analfabeto, como se poderá vêr pelo verídico dialogo que disfarçadamente ouvimos a dois operarios, um velho e um novo. — Dizia o novo: E' bem feito! raijo de burgoezes que o que querem é sugar o suor d'um próbe. O velho — é tanto assim, moço; grande nau grande tormenta. O que ha muita gente que querenta de rica e passa muitas necessidades. — Que trabalhem como nós. — Mas se elles trabalharem como nós, quem ha-de fazer o serviço d'elles? Sim, que isto de trabalhar

não é só cavar as terras, puchar por uma enxó ou deitar umas tornbas n'umas botas: essa gente que está empregada nas lojas e nas repartições tem outras occupaões mas também trabalham. — Pois esses terão, mas os proprietários que arrendam as terras aos caseiros e vem p'raqui pro café da Porta da villa esfregar as costas (elle não disse costas: referiu se á região adjacente) nos bancos, também trabalham? — Home, cada um sabe de si e Deus de todos. Se não houvesse quem não precisasse de trabalhar quem havia de olhar pelas camaras, pelos hospitaes, pelos asylos, pelas irmandades? — Olhava o povo. — De graça? — De graça já se deixa ver que não, que o povo não é rico. — Pois ahí está rapazi! E' preciso que haja quem não precise de trabalhar para olhar pelas coisas dos proxys. — A modos que vocecê me está a cheirar a thelassa... — E não te enganas, rapazi: eu toda a minha vida ouvi dizer que o Rei era o pae do povo. Ora como mandaram embora o Rei, Deus voltou nos as costas, porque isto foi uma accção assim a modos de um filho pôr o pae na rua. — Ah! como vocecê é antigo! Isso foi tempo em que havia Deus e reizes, agora o Rei s'emos nós o povo. — Por isso tudo anda como anda. Olha que onde todos mandam ninguem obedece e o resultado é o que se está a vêr: onde não ha rei nem Roque nem temor de Deus não pode haver paz. — Pois sim, sim, mas o que o povo precisa é de pão barato. — Como queres tu o pão barato se tuó está caro? Quanto ganhavas tu d'antes? quanto ganhas agora? D'antes ganhavas dezoto vintens por dia e trabalhavas de sol a sol; agora ganhas quatro mil reis, trabalhas só oito horas, e não te chega para pão! — Mas é que um home não precisa só de pão, também precisa de uma pinga, e da sua distracção de vez em quando. Porque é que o burguez come bem e bebe melhor, anda bem vestido, vai ó theatro, anda de altomovel, rebola-se nos cafezes e um operario não ha de fazer o mesmo? Intão elles são mais do qua nós? — Eu sei cá se são mais ou se são menos! O que eu sei é que tenho dez dedos nas duas mãos e que todos são diferentes, e que cada um vive como pode. Quem pode andar bem comido e bem bebido e ir ao theatro que vá, quem não puder que remedeie como quizer. — Atão um home que não tiver que comer que estoire de fome?! — Quem trabalha nunca lhe falta que comer. Assim lhe não falte a saude. — Mas se lhe falta a saude? — Vae para a sua ordem ou para o hospital. — Mas os ricos não vão p'ra lá, tratam se em casa, comem bós caldos de gallinha e não lhes falta nada, e um prode no hospital se não morre de doença morre de fome, o que tudo é morrer, e, por isso, bem fez o nosso d'ministrador que mandou o povo aos caseiros dos ricos e ás lojas de pezo. — E ganhou grande coisa com isso! Alguns nem sequer arranjaram com que cubrir o jejum, que os que foram adeante levaram o que puderam e estragaram o resto e vieram depois vender por 60000 mil reis o que pagaram por 4, como alguns fizeram. E se o povo precisasse só de pão Olha, eu ando aqui co está farpella meia róta e meia arrumendada e outra que tenho lá em casa, de ir ao domingo á missa, está caijo na mesma. Quando ellas acabarem não tenho com que cobrir o corpo, e como eu, anda caijo toda a gente, até mesmo a remedada. Ainda entro dia eu vi o se Zesinho das Qu'ans, e mais é um bô proprietario co as botas todas arrebandadas, e intê eu lhe disse: ó se Zesinho, vos corria bem me podia dar essas botas, que já não estão boas p'ra si. Pois sim, sim, me tornou elle, o pior é que o sapateiro quer agora mais por botar

meias solas do que d'antes por umas botas nobas; o guardasoleiro (sem piada ao nosso d'ministrador) quer os olhos da cara por um guardasol dos mais fracos. Diz que os artistas querem ir ao theatro e andar d'altomoble e que hão de ganhar em tres dias da semana coisa que lhe dê para a pandeda nos outros tres, e por isso não ha remedio senão a gente ir trazendo o calçado em quanto elle puder levar pontos. E foi o que elle me tornou, e mais é, como te disse, um bô proprietario. Ora o sr. d'ministrador para ser bô home havia de mandar o povo também ás sapatarias, aos «guardasoleiros» a mail'os mercadores, que o povo também precisa d'andar vestido e calçado. Mas n'essa não cae elle, que elle tem um estabelecimento, todo bem preparado de calçado, e o povo podia começar por ahí.

Olha que quem não tem pé não pode dar coice, e cada um que faça as caridades que puder, nanja á custa dos outros. Olha, moço: — vê's acolá aquella estatua? E' do nosso primeiro Rei D. Afonso Arrriques. Dizem que elle na sua mocidade, e até já depois de velho, se foi por hi abaixo á pancada ós moiros e assim como ia ganhando terra aos moiros a ia dando aos sordados; mas não se consta que intrasse nas casas dos christãos, para lhes tirar o que era d'elles. Isso é uma coisa que só fazem agora estes republicueiros que não teem temor a Deus. E com esta me vou que já está a apitar as fabricas.

E mais não disseram os dois operarios tão oppostos em idades, habitos e educação, mas o que disseram já foi bastante para dar que pensar a quem nascendo para obedecer se vê um dia, como Sancho Pansa e o sr. Lopes, a governar os outros. Pense n'isto, sr. Lopes, e pense bem, ainda que para isso tenha de deixar de pensar por uns minutos nos deveres do seu cargo, pelo que nenhum mal virá a Grei..., antes pelo contrario.

Perca essa mania ou doenca de se exhibir como ainda agora fez com a *pastoral* que dirigiu aos srns. industriaes. Então não vê, sr. Lopes, que os industriaes não fabricam milho?! Se quer que elles arranjam celeiros, trate o sr. de evitar que esse povo que por ahí anda a toubar, assalte os celeiros e as eiras dos caseiros. Olhe, sr. Lopes, um conselho — vá-se embora e deixe o logar a quem tenha competencia.

Um proprietario.



Por Guimarães

S. Nicolau

Os estudantes têm cumprido á risca o programma das festas.

Hoje será recitado o *Pregão* pelo distincto academico, sr. Bento Caldas.

Amanhã terão lugar a entrega das *maçãs* ás gentilissimas damas vimearanses e ás *danças*.

A propósito: No proximo numero publicaremos algumas contas que apresentaram aos estudantes. Nunca vimos maior abuso nem tão grande desoacamento!...

Os «velhos»

E' no proximo dia 8 que os «estudantes velhos» festejam as *bodas de prata* do ressurgimento da linda festa nicolina. A's 9 horas da manhã, proce-

der-se-ha á cerimonia dos laços, e ás 11 1/2 será celebrada, no altar de S. Nicolau, na igreja da Collegiada, uma missa pela alma dos entusiastas fallecidos e que tanto brilho deram a esta velha tradicção. Em seguida irão todos os «velhos» ao Lyceo, afim de cumprimentarem os seus antigos e illustres professores.

A' noite recita de gala no Theatro de D. Affonso Henriques, cujo programma será amanhã largamente distribuido.

N'esse mesmo dia será vendido um «numero unico» consagrado ás mesmas festas, sob a direcção do nosso distincto conterraneo e presado amigo, sr. capitão Mario Cardoso e pelonosso querido amigo, sr. Padre Francisco Fernandes da Silva, illustre missionario portuguez.

1.º de Dezembro

A Academia Vimearansense, na forma dos anos anteriores, festejou na passada quarta-feira a data gloriosa da nossa independencia, com uma recita de gala no Theatro de D. Affonso Henriques.

Subiram á scena as peças «Uma anednota», de Marcelino Mesquita, e «O Processo do Rasga», opereta comica em 2 actos.

O desempenho por parte de todos os interpretes, foi bastante correcto, merecendo os briosos academicos fartos e justos applausos.

No final do espectáculo foi chamado ao palco o ensaiador e nosso querido amigo, sr. Jeronimo Sampaio, sendo recebido por uma prolongada ovação.

A casa achava-se repleta. Ao sr. Sampaio, enviamos os nossos parabens pela forma brilhante como apresentou os jovens academicos.

Tomal

Dizem-nos que os estudantes resolveram nunca mais tornar a offerecer bilhete de borla ao sr. correspondente do *nosso* «Janciro», por s. ex.ª ter sido tão resumido na noticia, que enviou aquelle jornal, referente ao espectáculo do 1.º de Dezembro.

E' assim mesmo como se faz. Muito bem, briosos rapazes! Nada de borlas a quem não sabe ou não pode corresponder a gentilezas com gentilezas.

Nós não sabemos...

Dizem nos que este ano tem faltado ás novenas de Nossa Senhora da Conceição um conhecido devoto e que a ellas nunca faltara no tempo em que havia jantares de 20 pratos regados com o delicioso vinho do Rato.

Devoção sem farnel, é só para os puros, para os genuinos e autenticos devotos da Virgem.

Os outros é preciso molhar-lhes primeiro a guela para poderem solfejar e dar melhor o dó de peito.

Aureliano Fernandes & Marques, Succesores, Limitada

Para os devidos effeitos publicam-se as clausulas da escritura de sociedade por quotas de responsabilidade limitada, celebrada entre os srns. D. Utelinda Candida da Cunha Fernandes, João Rocha dos Santos, Francisco da Cunha Mourão, João da Silva Marques Junior e José Fernandes, desta cidade, e exarada em 23 do corrente, nas notas do notario sr. dr. Francisco Moreira Sampaio.

1.º

A sociedade adopta a firma Aureliano Fernandes & Marques, Succesores, Limitada; fica tendo a sua sede nesta cidade e o seu estabelecimento é provisoriamente na rua da Republica, podendo estabelecer as sucursaes que julgar conveniente.

2.º

O seu objecto é a industria e comercio de cutelarias, calçado e tecidos, aluguer, compra e venda de automoveis e seus accessorios e qualquer outra industria ou comercio que convenham á sociedade.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo, para todos os effeitos, desde o dia 20 de outubro de 1920.

4.º

O capital social é de escudos 71:000\$00 e corresponde ás quotas com que eles outorgantes subscreveram e já realizaram, pela forma seguinte:

D. Utelinda Candida da Cunha Fernandes . . .	17:000\$
João Rocha dos Santos . . . . .	17:000\$
José Fernandes . . . . .	17:000\$
João da Silva Marques J.º . . . .	10:500\$
Francisco da Cunha Mourão . . . .	9:500\$

5.º

A cessão de quotas ou de parte de quotas fica dependente do consentimento da sociedade, requisito indispensavel para ella se poder realizar. Todavia fica desde já permitido á outorgante D. Utelinda ceder toda ou parte da sua quota a seu filho José Vasco Leão da Cunha Fernandes.

6.º

A gerencia fica incumbida aos dois socios Marques e Mourão que receberão todos os meses como retribuição pelos seus serviços respectivamente 100\$00 e 80\$00.

7.º

Todos os socios poderão indistintamente usar da firma social, mas só para assuntos que exclusivamente digam respeito á sociedade.

8.º

A sociedade será representada em juizo e fora dele activa e passivamente por qualquer dos socios.

9.º

Os balanços serão anuaes e fechados em 31 de dezembro de cada ano.

10.º

Os lucros liquidos de todas as despezas e encargos sociaes, depois de apartados 10 % para o fundo da reserva legal enquanto este se não achar realisado, ou sempre que fôr preciso reintegrá-lo, serão divididos na seguinte proporção:

29 % para o socio Marques; 20 % para o socio Mourão; 17 % para o socio D. Utelinda; 17 % para o socio Rocha; 17 % para o socio Fernandes.

Os prejuizos serão suportados de igual forma.

11.º

Para as suas despezas pessoaes poderá cada socio levantar mensalmente, por conta da sua parte nos lucros, 100\$00.

12.º

A sahida, falecimento ou enterdição de qualquer socio não importa a dissolução da sociedade.

§ um. Pelo falecimento de qualquer socio a sua quota ficará a pertencer aos seus herdeiros, e no caso destes não quizerem fazer parte da sociedade, será adjudicada igualmente aos outros socios que a pagarão, acrescida do juro de 6 %, no praso de 2 anos, em prestações mensaes, bem como a participação do socio falecido no fundo de reserva e a parte dos lucros que se apurarem desde o ultimo balanço.

13.º

As reuniões dos socios serão convocadas por qualquer deles, por simples carta, a eles dirigida, com antecedencia de 5 dias, salvo nos casos para que a lei exija outra forma de convocação; as suas deliberações serão exaradas no respectivo livro de actas.

14.º

Nenhum dos socios poderá por si ou interposta pessoa negociar nos mesmos ramos de comercio da sociedade.

15.º

Em tudo o omissio regulará as disposições da lei de 11 de abril de 1901 e mais legislação applicavel.

MISSA

Nos dias 11 e 14 celebra-se na Igreja das Dominicas, pelas 10 horas, uma missa suffragando a alma do saudoso General Domingos Pinto Coelho Guedes de Simães.